

FESTIVAL

MÚSICA, VAIA E POLÍTICA

BELLA STAL
Fotos de Rubens Barbosa,
Kaoru Higuchi e
Octales Gonzales



O público não economizou seus aplausos



Por todos os lados, as torcidas organizadas



Hora de protestar



Tudo, menos indiferença

O opinião do público era demonstrada através de maior ou menor número de aplausos, e até mesmo as torcidas organizadas, com faixas e tudo, despeitavam e aplaudiam as outras concorrentes. Principalmente na final de domingo, na fase de apresentação das 20 músicas, o entusiasmo do público foi geral, e a vibração provocada por quase todas as concorrentes se manifestava por aplausos, faixas, pessoas lançando e cantando em cântico.

PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE VAIAS

Mas dentro do aplauso moderado do público para as semifinalistas apresentadas nos dois primeiros espetáculos, destacou-se logo o entusiasmo provocado pela música de Geraldo Vandré, e desde o início já se previa uma vaia gigantesca caso a música não fosse a escolhida. O próprio júri sabia disso. A essa altura, porém, era apenas um aplauso mais intenso que os outros, mas sem vaia.

O primeiro sinal evidente de protesto do público começou quando a música **Caminhante Noturno**, de Os Mutantes, foi anunciada no sexto lugar. Grande parte do público torcia por esta música desde os espetáculos anteriores e esperava melhor classificação.

E a vaia mais intensa começou quando Geraldo Vandré, que era chamado sem parar pela platéia, foi anunciado no segundo lugar. Daí em diante não se ouvia mais a voz do locutor Milton Gomes.

Andança, de Danilo Caiá e Edmundo Souto, que já era esperada entre as vencedoras pelos compositores concorrentes, foi repetida já como terceira colocada, mas as vaia continuavam e as vozes de Bete Carvalho e dos Golden Boys ficaram perdidas.

Conservando a mesma intensidade e violência, as vaia transformaram-se em aplausos e gritos quando Vandré entrou para repetir **Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres**, e foi acompanhado em cântico pelas 20 mil pessoas que lotavam o Maracanãzinho e acenavam com lenços brancos.

Pedindo bis e gritando o nome de Vandré, o público não deixou que Cinara e Cibele fossem ouvidas quando vieram cantar novamente **Sabiá**. Atacado por alguns, que o classificaram de demagogo, Vandré entrou novamente no palco acompanhando as duas cantoras, sentou-se num banco com o violão e fez um apelo ao público para que respeitasse a música de Tom e Chico.

QUESTÃO DE MORAL

Quase tonto e transtornado pela consagração do público, pelo abraço dos colegas, Vandré tinha declarado pouco antes, nos bastidores, que "estou com o público", referindo-se ao resultado e à reação da platéia.

Mas qualquer que fosse sua opinião sobre o resultado, a atitude de Vandré só poderia ser mesmo de apoio a Tom, Chico e a Cinara e Cibele, por questão de coleguismo, e também porque Vandré não deve ter

esquecido a atitude tomada por Chico Buarque no II Festival da Recorde, em 1966. Foi o famoso Festival em que venceram empatadas **A Banda**, de Chico, e **Disparada**, de Vandré. Mas esse empate foi pedido por Chico Buarque, porque, de acordo com a votação do júri, a vitória caberia à **Banda**, por sete votos a três. Com a atitude tomada por Chico, o público, que estava dividido entre as duas músicas, saiu satisfeito com o resultado.

Agora entre a música de Chico e a de Vandré, a diferença foi de apenas três pontos: **Sabiá** recebeu 109 votos, enquanto **Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres** recebeu 106. Mas o público não estava dividido e apoiava em bloco a composição de Vandré para o primeiro lugar, embora tivesse gostado de **Sabiá**. Se a ordem de classificação tivesse sido invertida, com certeza o público aplaudiria Tom e Chico em segundo lugar.

Em quantidade e intensidade, a vaia de domingo no Maracanãzinho suplantou todas as demais ocorridas em festivais anteriores. Mas apesar dos vídeo-tapes das eliminatórias paulistas do Festival, o público ainda não adotou os métodos violentos que estão caracterizando as manifestações do público paulista, e que atingiram seu ponto máximo em relação a Caetano Veloso, este ano, provocando em resposta um discurso violento do compositor, mas que no ano passado fizeram com que Sérgio Ricardo atirasse seu violão sobre a platéia.

CADERNO

B

Embora **Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres** fôsse a canção que comoveu todo o público do Maracanzinho, por força do seu alto poder comunicativo, a vitória de **Sabiá** não foi imerecida, devendo-se absolver o júri pela longa vaia que recebeu. A sua grande falha — e que poucos perceberam — foi a de não conferir o prêmio de melhor intérprete a **Silvio Caldas**, ainda o melhor de todos neste seu quase meio século de carreira.

É evidente — e isto de certo modo é desculpável — que houve algumas acomodações, como a de pôr **Dois Dias** entre as dez finais, preterindo **Oxalá**, por exemplo, e como a de premiar **Os Mutantes**, cuja apresentação foi ridícula.

A decisão final, a exemplo de todos os festivais já realizados e a se realizar, é sempre motivo de discussão. Muitos não entenderam o sétimo lugar dado a **Dança da Rosa**, merecedora, sem dúvida, de uma melhor colocação. Mas entre erros e acertos, registra-se a boa situação em que ficou **Passacalha** e a indicação de **Bené Alves** para revelação de intérprete.

● OS FATOS

A realização deste III Festival Internacional da Canção mostrou, efetivamente, que a música brasileira estagnou. Nenhuma nova fórmula, seja na estrutura melódica, seja na temática; nenhum novo caminho no campo harmônico; nenhuma novidade no terreno interpretativo. Este Festival ratificou, de uma maneira quase eloqüente, a tese de que há uma saturação no mercado musical, saturação esta devida sobretudo a uma imensa produção e uma ínfima dose de qualidade.

Tais promoções, porém, são de uma valia incontestável pois permitem que se ponha a nu certas verdades, ignoradas pela massa receptora do material produzido, preocupada quase que unicamente com reverências a seus ídolos e jamais ocupada com os destinos não apenas dos próprios ídolos — sejam eles autores ou intérpretes — mas também com a música que se faz neste país.

Sem pretender ser cético, o observador não pode evitar informes negativos, mas não deve deixar de registrar um ou dois fatos perfeitamente válidos no contexto do festival carioca. O primeiro — e talvez o mais importante de todos — é a experiência do maestro erudito **Edino Krieger**. Certamente vai surgir alguém para dizer que ele está mesclando o popular com o erudito e tirando efeitos dessa união. Isto não é bem verdade. O que Krieger tem pretendido é, numa linguagem comum, retirar do popular os seus vícios evidentes, com a sua experiência de músico, e dar uma vestimenta rítmica melhor ordenada. **Passacalha** representa um exemplo positivo disto, muito mais do que **Fuga e Antifuga**, embora de boa tessitura, porém ainda bastante rebuscada na sua formação.

O outro fato merecedor de registro foi o progresso que se conseguiu na área poética, principalmente com relação à chamada canção de protesto, agora armada em moldes mais sensatos e em condições de transmitir realmente uma mensagem e não a de emitir conceitos histéricos, como vinha ocorrendo.

Com isto não se pode declarar que o Festival conseguiu seus objetivos, pois que estes nem sequer foram estabelecidos. Diriam os organizadores: o objetivo é o sucesso. Transformado em programa de televisão, o Festival só podia esperar duas coisas, visto neste ângulo: a liderança do horário e o lucro financeiro. Para os sensatos, o objetivo era o aparecimento de um sem-número de composições positivas que pudessem marcar época; a presença de novos autores e intérpretes, e condições para que se formulasse um novo quadro para a MPB.

É evidente que não se pode ficar contra a presença da televisão, veículo divulgador da maior importância no mundo moderno. Fica-se contra é a transformação de um festival em mais um programa de TV, com intervalos comerciais devidamente anotados na ficha dos produtores; evidente intenção de não deixar de fora os nomes importantes, o que resulta numa intimidação aos selecionadores das composições inscritas e posteriormente na seleção derradeira. A solução seria a de franquear a todos os órgãos de divulgação a transmissão do importante conclave, não atribuindo a esta ou aquela estação de televisão a exclusividade. Sabemos todos que, não fôsse a TV, talvez não se realizasse este ano o FICP. Mas até quando ficaremos atados a um patrocinador extra-Secretaria de Turismo? No dia em que isto acontecer, quando houver clima para que se escolha gente portadora dos requisitos mínimos indispensáveis e no momento em que não houver interesses em jogo, então teremos meios de conduzir o futuro da nossa música e muitos dos que hoje ficaram de fora pelos motivos apontados poderão responder à chamada.

● DOS NOMES

No ano passado, bem ou mal, surgiu uma revelação: **Milton Nascimento**. E neste? Rigosamente, ninguém. Quando se fala em revelação não se quer dizer que ela é aquela com-



Cinara e Cibele, estrelas no caminho de Tom e Chico



Geraldo Vandré, sensibilizado, agradeço



Silvio Caldas, cabelos brancos que o público respeitou



Marcos Vale, viola menos entuarada que a de Vandré



Bete Carvalho e os Golden Boys, recado dado, e bem dado



Os Mutantes, exotismo e som perturbadores

JUVENAL PORTELLA

UM FESTIVAL E MUITA VERDADE 3

positor que ficou nas finais e sim aquele que mostrou alguma coisa de positivo. E quem mostrou? Ao contrário: as decepções, estas sim, foram em número superior. A rigor, os festivais, na forma em que são organizados no Brasil, nunca podem atingir um rendimento maior ou melhor, a exemplo dos demais.

Não houve novidades este ano. Surgiram músicas de protesto, canções líricas, evocações carnavalescas, fusão de gêneros musicais, gêneros antigos voltaram a ser mencionados, usou-se o contracanto e forma inversa na mesma composição; por fim, repetiram-se fórmulas. Em termos de estrutura melódica, pouco se ouviu, uma vez que a quase totalidade dos compositores não conseguiu variações em torno de uma base musical, repetindo-se nas várias partes da mesma canção. E o mais grave: ainda que algumas peças apresentassem boas aberturas, o corpo da canção cansava com a monotonia melódica.

Em algumas canções — este ano mais do que em 67 — percebeu-se melhor comunicação popular, infelizmente em número pequeníssimo, umas três ou quatro, se tanto. Música foi feita para comunicar e não para deleite de meia dúzia de pessoas. E como o público do Maracanzinho se comportou? Lembram-se todos de que, excluindo-se os grupos organizados, foram poucas as vezes em que houve vibração espontânea. É claro que muitas destas vezes deveu-se à presença deste ou daquele nome, como foi o caso do magistral **Silvio Caldas**, co-responsável pela classificação de **Rainha do Sobrado**, que não estaria entre as 20 não fôsse sua presença. E há mais: quase com certeza pode-se afirmar que se **Elis Regina** ou **Jair Rodrigues** estivessem presentes, as canções que defendessem estariam classificadas, mesmo que não tivessem qualidades. E por quê? Porque o público influenciaria e o júri cederia. Cederia porque lhe faltaria coragem de enfrentar a vaia, não por sua culpa, mas por culpa da estruturação do espetáculo.

● DE ANÁLISE

Juntam-se cinco ou seis críticos ou cinco ou seis pessoas que reúnam, realmente, condições para apreciar criteriosamente a música brasileira, e observem os resultados. Eles serão pouco otimistas se tiverem o mínimo de independência no seu julgamento. De nada adianta querer-se otimismo quando não se tem motivo para tanto. O III Festival Internacional da Canção Popular e o Festival da Música Brasileira, que se aproxima e que é outro programa de televisão (Recorde-São Paulo), mostram que é preciso acabar com as mentiras, com o fácil proveito, com a maneira ilícita de fazer fortuna, e partir para reunir elementos que fiquem na história. A fileira dos que se batem, sem nenhum compromisso com ninguém, ao menos sentimental, precisa ser engrossada.

● AS CONCLUSÕES

Fica o que do Festival, além do que já se disse? Apenas outra lição, a de que tanto os produtores de programas, em rádio ou televisão, quanto os produtores dos discos sejam mais honestos com o compromisso de fazer divulgar música brasileira. De 43 composições, seis são merecedoras do respeito de todos. Seis ou sete: **Dança da Rosa**, de Maranhão; **Passacalha**, **Edino Krieger**; **Sabiá**, **Tom-Chico**; **Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres**, **Geraldo Vandré**; **An-dança**, **Daniilo Caími-Edmundo Souto**, e **Oxalá**, de Téo. A que seria a sétima, não foi incluída, mas podia ser **Rua D'Aurora**, **Fátima Gaspar-Durval Ferreira**, ou **Dia de Vitória**, de **Marcos P. S. Vale**, entre outras.

Resta praticamente nada a registrar num acontecimento em que as deficiências superaram as qualidades. Num festival do tipo a que se assiste no Brasil não se pode nunca censurar um resultado, mesmo que ele desagrade, que ele nada signifique, que ele não represente a verdade em matéria de música brasileira. E isto perdurará à medida que durar a mentalidade dos que comandam a promoção. Em resumo: ninguém vai cantar as músicas deste Festival, pois elas não vão durar por muito tempo.